

CONTRIBUIÇÃO DO ESPIRITISMO PARA UM COMPORTAMENTO AMBIENTAL CONSCIENTE

Ana Maria dos Santos Andrade,

Joice de Jesus Machado,

Maria das Dores de Jesus Machado¹

1- Introdução

Nas últimas décadas, as preocupações com o meio ambiente têm se tornado globais, em virtude das alterações climáticas em curso e das previsões sombrias sobre o tema. Organismos especializados afirmam que, se a humanidade não reverter a trajetória que tomou em relação ao uso irracional dos recursos naturais, caminhará rapidamente para um colapso ambiental.

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, prevê que mais de 1 bilhão de pessoas sofrerão com a falta de água a partir de 2020 e o aquecimento global, causando aumento de mais de 1,5° em relação aos índices de 1990, levará a mudanças no ecossistema que acarretarão a extinção de cerca de um terço das espécies de animais e plantas do globo (ONU,2007).

No contexto da Amazônia, que abriga a maior floresta tropical do mundo e a maior concentração da biodiversidade do planeta, tais questões ganham força e urgência ainda maiores. Estando em risco sua cobertura verde, embalagem viva sob a qual se esconde um universo de animais, plantas, águas, climas e muitos outros recursos ainda longe de serem devidamente dimensionados (CAPOZZOLI, 2008), estabelece-se um perigo de escala mundial, uma vez que sua existência é comprovadamente responsável pelo equilíbrio do regime de chuvas e controle do aquecimento global (FEARNSIDE,2008).

No entanto, as notícias sobre esta região são sempre alarmantes, estando associadas à devastação da floresta, à contaminação das águas, à extinção da biodiversidade, entre outras ameaças. Hoje, o Brasil já é o quarto maior emissor de CO₂, por causa das altas taxas de desmatamento na Amazônia e Cerrado. Até 55% da Amazônia deve ser destruída até 2030 por uma combinação de agricultura, pecuária, atividade madeireira, fogo e secas, se as atuais tendências forem mantidas na região.(Estudo wwf)

Não obstante a importância e atualidade da temática, as questões ambientais ainda não parecem ter sido efetivamente incorporadas à pauta de atividades e interesses do Movimento Espírita. Santos (2003) ressalta que há pouca literatura sobre as relações entre o Espiritismo e a Ecologia e ainda são poucos os expositores que incluem temas correlatos em suas palestras.

Todavia, a Doutrina Espírita nos capacita a compreender o valor dos recursos do planeta, recursos esses que a Divindade nos empresta para auxiliar nossa evolução. Apesar disso, ainda nos portamos com indiferença, acomodação e omissão, o que demonstra o desconhecimento ou a falta de entendimento dos mecanismos que regem a vida.

¹ As autoras são trabalhadoras da Fundação Allan Kardec, Manaus, Amazonas.

Estas constatações suscitam diversas reflexões: *Como a Doutrina Espírita nos orienta a utilizar os recursos que a natureza nos concede? Se como espíritas conhecemos e compreendemos os mecanismos da vida, por que continuamos indiferentes a eles? O que nos cabe, no âmbito de nossa reforma íntima, na relação com o meio onde vivemos? Qual a extensão da responsabilidade individual tendo em vista a caótica situação ambiental de hoje?*

Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre os elementos que o Espiritismo oferece para a mudança de atitudes, face à “cultura de consumo” da atualidade, e sobre o nosso compromisso com a preservação ambiental, destacando os recursos disponíveis para desenvolvermos um comportamento ambiental consciente, que nos possibilite uma relação harmoniosa do ambiente interno com o externo.

Assim, a relevância desta pesquisa está na possibilidade de compreendermos que a Terra precisa de nosso investimento para conservá-la em condições sustentáveis, fornecendo aos homens os recursos indispensáveis a uma vida digna, que lhe permita evoluir.

2- A questão ambiental

Os atuais meios de produção e consumo têm precipitado a humanidade na direção de um impasse civilizatório, onde a maximização dos lucros justifica o uso insustentável dos mananciais de água doce, a desertificação do solo, a monumental produção de lixo e o aquecimento global, entre outros efeitos colaterais desse modelo de desenvolvimento ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto que experimentamos (TRIGUEIRO, 2007).

Nunca se falou tanto de degradação ambiental, ou seja, de desmatamento das florestas; de poluição de águas pelo despejo de produtos químicos e dejetos nos mares e rios; de indústrias poluentes, de produção cada vez maior de veículos à combustão, do buraco na camada de ozônio e outros, todos resultantes da ação incorreta e abusiva do homem.

Assim, terminamos o século XX e iniciamos o XXI certos de que vivemos dias decisivos em relação à questão ambiental, pois diante do aquecimento global e do ritmo desenfreado de exploração dos recursos naturais, a própria vida humana está em risco. Na realidade, a ação antrópica impactante ao meio acompanha a evolução da história mundial, entretanto apenas no século passado os esforços se intensificaram na defesa ambiental.

A Conferência de Estocolmo, em 1972, deu o primeiro grito contra a poluição causada pela proliferação da indústria no mundo. Dela extraiu-se o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e surgiu a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1983. O desenrolar das idéias propiciou o aparecimento do Relatório Brundtland, em 1987, em que se estabeleceu o conceito de desenvolvimento sustentável.

Posteriormente, a Conferência do Rio de Janeiro, em 1992, gerou a Agenda 21, com programa mundial abrangente, que definiu as metas para as principais questões ambientais: poluição, recursos hídricos, lixo e outros. Em 2002, a Conferência de Johannesburgo revalidou as propostas de 1992 e inseriu novas formas de salvar o ecossistema.

Paralelamente a essas conferências de âmbito governamental, numerosos grupos de ecologistas lutam pela preservação e recuperação do meio ambiente. Entretanto, todos os esforços realizados trouxeram escassos resultados práticos, pois os países desenvolvidos não conseguem reduzir seu ritmo de poluição ambiental, e os em desenvolvimento tem dificuldades de implementar projetos de preservação e recuperação do meio ambiente.

A análise do cenário atual e suas tendências pela ONU (Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC)) registra esse fracasso, que resulta no processo de aquecimento global. Esse fenômeno afeta e afetará ainda mais as populações mais pobres do mundo.

O derretimento das camadas de gelo de grandes cadeias de montanhas, e do gelo polar, levará a inundação de regiões costeiras e baixas obrigando comunidades inteiras a se deslocarem. Com a extinção prevista de 1/3 das espécies de animais e plantas do planeta, o rendimento dos cultivos agrícolas e da pecuária também será afetado, principalmente na África e Ásia. Os números da fome - 900 milhões no mundo – aumentarão e a má nutrição, por sua vez, contribuirá com o aumento da incidência de doenças nas regiões mais pobres do mundo (ONU, 2007)

Ainda de acordo com a ONU, as regiões que sofrerão mais consequências da mudança climática serão o Ártico, a África subsaariana, as pequenas ilhas, e os deltas asiáticos. Embora o Brasil e a América Latina não sejam consideradas regiões de alto risco, pelo patrimônio natural que possuem, são naturalmente responsáveis pela minimização dos impactos já previstos.

No cerne do problema, o modelo de desenvolvimento é o grande causador da intensificação dos processos de degradação. Conforme anuncia o Worldwatch Institute, que divulga anualmente o relatório *“Estado do Mundo”*, (uma grande compilação de dados e estudos científicos), *“o consumismo desenfreado é a maior ameaça à humanidade”*. Os pesquisadores do Worldwatch denunciam que *“altos níveis de obesidade e dívidas pessoais, menos tempo livre e meio ambiente danificado são sinais de que o consumo excessivo está diminuindo a qualidade de vida de muitas pessoas”*. (TRIGUEIRO, 2007)

“Em uma sociedade de consumo, nenhum de nós se contenta apenas com o necessário. A publicidade se encarrega de despertar apetites vorazes de consumo do não necessário - daquilo que é supérfluo, descartável, inessencial - renovando a cada nova campanha a promessa de felicidade que advém da posse de mais um objeto, seja um novo modelo de celular, um carro ou uma roupa. (TRIGUEIRO, 2007).

Dessa forma, anestesiado pelo imediato prazer do consumo, o homem vêm aumentando a pressão por recursos naturais e, na mesma proporção, descartando o que já não lhe dá prazer, embora ainda útil ao uso. A análise da força motriz geradora desse processo é fundamental para a compreensão do papel individual na mudança do cenário, uma vez que o modelo econômico vigente é, em essência, insustentável, na medida de que se alimenta do consumo crescente e desenfreado.

Se analisarmos essas questões sob a ótica da revelação espírita, tal como sugere Hessen (2008), teremos motivos suficientes para crer que o imobilismo e a desesperança, conseqüentes do pessimismo e indiferença que prevalecem entre os homens, precisam ser substituídos pela ação eficaz de cada um de nós, pois só assim poderemos mudar esta realidade. É o que analisamos a seguir.

3- Espiritismo e meio-ambiente

Em uma análise superficial do conhecimento espírita, é provável que distorções sejam feitas no sentido de alinhar os conceitos espíritas às questões ambientais atuais. Duas posições parecem ser recorrentes: a que distancia a relação com o meio ambiente do processo de espiritualização e reforma íntima, objeto das reflexões e aspirações espíritas, esquecendo-se que no cerne da relação abusiva do homem com a natureza está o consumismo e materialismo; e a que interpreta a atual situação como natural e irremediável, parte do processo de transição da Terra ao mundo de Regeneração, isentando-se convenientemente da responsabilidade pela mudança ou melhoria da situação.

A aderência de ambos, todavia, é incontestável. Ernest Haeckel, cientista alemão definiu Ecologia como “o estudo da casa ou do lugar onde vivemos”. Apesar de não tratarem especificamente da questão ambiental, os livros organizados por Allan Kardec demonstram a relação direta e estreita do homem com a natureza e a responsabilidade dele para com ela. O Livro dos Espíritos nos trouxe respostas sobre as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem e o quanto um depende do outro. Há, portanto, profunda coerência entre ambos os conhecimentos.

Assim como a Ciência tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este princípio é uma das forças da natureza que reage recíproca e incessantemente sobre o princípio material, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. (ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA, 2008, p.27),

Allan Kardec perguntou aos Espíritos (perg. 705): *Por que nem sempre a terra produz o suficiente para fornecer o necessário ao homem?* E eles foram incisivos: *O homem a negligencia por ingratidão e, no entanto, a terra continua sendo uma excelente mãe. Além disso, ele ainda acusa a natureza por sua própria imperícia ou imprevidência. A terra produziria sempre o necessário se o homem soubesse se contentar. Se o que produz não é bastante para todas as necessidades, é porque emprega no supérfluo o que deveria utilizar no necessário.* E completaram: *Na verdade, não é a natureza que é imprevidente, é o homem que não sabe reger sua vida.*

A resposta é um alerta contra o uso indevido dos recursos da natureza e contra o consumismo. Na visão espírita, explica Pelicano (2008), a Terra é uma escola e os recursos naturais são instrumentos do aprendizado humano ao longo dos milênios. Portanto, a falsa idéia que se tem de que a terra nem sempre produz o bastante para fornecer o necessário ao homem, é apenas uma demonstração de que este não consegue contentar-se em suprir apenas suas necessidades básicas. Se assim não fosse, nosso planeta estaria em condições de garantir o necessário à vida de todos.

André Luiz, em Os Mensageiros, no capítulo 42 intitulado *Evangelho no Ambiente Rural* (XAVIER, 2006) dirigindo-se para os trabalhadores espirituais da terra coloca:

“Há milênios a Natureza espera a compreensão dos homens. Não se tem alimentado tão somente de esperança, mas vive em ardente expectativa, aguardando o entendimento e o auxílio dos Espíritos encarnados na terra, mais propriamente considerados filhos de Deus. Entretanto, as forças naturais continuam sofrendo a opressão de todas as vaidades humanas. Isto, porém, ocorre, meus amigos, porque também o Senhor tem esperança na libertação dos

seres escravizados na Crosta, para que se verifique igualmente a liberdade na glória do homem.” (p.260)

E destaca que a maioria dos homens que cultiva a terra tudo exige e nada oferece. A civilização, explica André Luiz, funciona qual vigorosa máquina de triturar, convertendo os homens, nossos irmãos, em “*Moloques de pão, carne e vinho*”, completamente mergulhados na viciação dos sentimentos e nos excessos, despreocupados do débito para com a Natureza. Conclama assim, os irmãos da vida espiritual a ensinar-nos que a vida não é um roubo incessante, no qual a planta compromete o solo, o animal destrói a planta e o homem mata o animal, mas “*um movimento de permuta divina, de cooperação generosa, que nunca perturbaremos sem grave dano a própria condição de criaturas responsáveis e evolutivas!*”.

No item *necessário e supérfluo*, Allan Kardec perguntou aos espíritos benfeitores (questão 717): *O que pensar dos que monopolizam os bens da terra para obter o supérfluo em prejuízo dos que precisam do necessário?* E eles responderam: *Desconhecem a lei de Deus e terão que responder pelas privações que impuseram aos outros.*

Ao explicar essa questão, Kardec afirma que o limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que o selvagem desconhece, e os Espíritos que responderam essa questão não pretendiam que o homem civilizado vivesse como o selvagem.

Em relação às *privações voluntárias*, Allan Kardec perguntou (questão 719): *É condenável ao homem procurar o seu bem-estar?* Ao que responderam: *O bem-estar é um desejo natural. Os abusos são condenáveis porque contrariam a lei de conservação. O bem-estar é condenável se for adquirido à custa dos outros e se comprometer o equilíbrio moral e físico do homem.*

Constatamos assim que a lei de conservação prescreve ao homem o dever de manter suas forças e saúde, pois sem estas não conseguirá cumprir a lei do trabalho. Quanto às privações e aos sofrimentos voluntários, só serão úteis se concorrerem para o bem de outros.

No Capítulo VI, o Livro dos Espíritos trata da Lei de Destruição, e entre outros assuntos Allan Kardec aborda a destruição necessária e destruição abusiva. Indaga aos espíritos (questão 733): *A necessidade da destruição existirá sempre entre os homens na Terra?* E a resposta foi: *A necessidade de destruição diminui e se reduz entre os homens à medida que o Espírito se sobrepõe à matéria; é por isso que se constata o horror à destruição crescer com o desenvolvimento intelectual e moral.*

Na questão 734 indagou: *Em seu estado atual, o homem tem direito ilimitado de destruição sobre os animais?* Esse direito, responderam eles, *é regido pela necessidade de prover a sua alimentação e segurança. O abuso nunca foi um direito.*

Portanto, no desmatamento, na produção excessiva de lixo, no uso abusivo da água, na poluição e utilização desmedida de fontes de energia, na compra desnecessária, no descarte irrefletido, jazem os indícios de egoísmo e materialismo.

Trigueiro (2007) afirma que, para nós, espíritas, é fundamental que o alerta contra o consumismo seja entendido como uma dupla proteção: ao meio ambiente - que não suporta as crescentes demandas de matéria-prima e energia da sociedade de consumo, onde a natureza é vista como um grande e inesgotável supermercado – e ao nosso espírito imortal, já que, segundo a doutrina espírita, uma das

características predominantes dos mundos inferiores da Criação é justamente a atração pela matéria. Nesse sentido, não há distinção entre consumismo e materialismo, e nossa invigilância poderá custar caro ao projeto evolutivo que desejamos encetar.

Lembremos que, na questão 799 do Livro dos Espíritos, Kardec pergunta *“de que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?”*, a resposta foi taxativa: *“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade.(...)”*

4- Considerações Finais

As reflexões feitas sobre as questões ambientais à luz da Doutrina Espírita mostraram-nos que esta doutrina tem propostas claras de utilização dos recursos que a Divindade nos empresta. Diante dessa constatação, só nos resta tomarmos uma decisão: a de mudarmos; de criarmos uma cultura “pró-vida” e não “pró-destruição”, cientes que, conforme Santos (2003), essa conscientização passa pela reeducação geral das pessoas no que se refere à sua relação com a terra que nos provê os recursos para a sobrevivência material e apara a evolução espiritual.

Se como espíritas ainda não estamos trabalhando para evitar transtornos ambientais, necessário buscar a riqueza de conhecimentos que o Espiritismo disponibiliza. E, se já adquirimos esses conhecimentos, e eles não têm repercussão em nosso comportamento, temos que nos questionar: De que nos vale o conhecimento doutrinário sem a reforma moral?

Se desejamos empreender esforços em nossa melhoria íntima, preservar o meio-ambiente é tarefa diária. Devemos, pois, mobilizarmo-nos e adotarmos medidas urgentes que evitarão um caos ecológico para nós mesmos e, principalmente, para as gerações futuras, que se tomarmos em consideração o princípio da reencarnação, seremos nós mesmos.

Ainda conforme Trigueiro, aos espíritas que mantém uma atitude comodista diante do cenário descrito nessas breves linhas, escorados talvez na premissa determinista de que tudo se resolverá quando se completar a transição da Terra (de mundo de expiações e de provas para mundo de regeneração) é bom lembrar que *(..) não é possível esperar a chegada do mundo de regeneração de braços cruzados. Até porque, sem os devidos méritos evolutivos, boa parte de nós deverá retornar a esse mundo pelas portas da reencarnação e se ainda quisermos encontrar aqui estoques razoáveis de água doce, ar puro, terra fértil, menos lixo e um clima estável - sem os flagelos previstos pela queima crescente de petróleo, gás e carvão que agravam o efeito estufa – deveremos agir agora, sem perda de tempo.*

Para concluirmos, algumas recomendações se fazem necessárias (HESSEN, 2008):

a) Que adotemos medidas simples, que só dependem de nós, como: plantarmos árvores; evitarmos o desperdício de água e energia elétrica; percorrermos pequenas distâncias de bicicleta ou a pés, ao invés de sairmos de carro; adotarmos o rodízio diário de carros; separar o lixo (se em nossa cidade não houver coleta seletiva de lixo) e outras.

b) Aos que puderem: incentivar a criação de rigorosa legislação antipoluição; colaborar no controle e fiscalização de desmatamentos e incêndios, nas matas e

florestas; planejar suas residências buscando sempre a harmonia entre a natureza e a urbanização.

Além disso, que orientemos nossos filhos sobre estas questões, pois crianças que recebem no lar, lições básicas sobre os valores que devem nortear suas condutas, desenvolvem o senso de responsabilidade, respeito e admiração pela realidade que as cercam.

Bibliografia

AMAZÔNIA. Grandes reportagens. O Estado de S. Paulo. São Paulo, Nov/Dez de 2007

CALIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 12. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita brasileira, 2005.

CAPOZZOLI, Ulisses *Amazônia: tesouros*. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA: Programa fundamental Vol. 1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2008.

FEARNSIDE, Philip. *Amazônia não é o 'pulmão do mundo'*, aponta esquisador. 2008. Disponível em: www.sustentabilidade.blog.br Acesso em 12 de abril de 2009.

FRANCO, Divaldo. *Leis morais da vida*. 13. ed. Ditado pelo Espírito Joanna de Angelis. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada, 2004.

GONÇALVES, Neyde M. Santos. *Meio ambiente e Espiritismo*. 2007. Disponível em: <http://geal-ba.blogspot.com/2007/06/meio-ambiente-e-Espiritismo-por-neyde.html>. Acesso em: 30/1/2009.

GREGÓRIO, Sergio B. *Meio ambiente e Espiritismo*. 1996. Disponível em: [http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo053](http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo053.htm).htm. Acesso em: 21/1/2009.

HESSEN, Jorge Luiz. *Preservar o meio-ambiente: Espíritas, mãos à obra! Façamos nossa parte*. 2008 Disponível em: http://www.osgefic.org/content/view/346/95/lag.brasilian_portuguese. Acesso em: 30/1/2009.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.V e VI, p. 379-402.

_____. *O que é o Espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

O ESTADO DE S. PAULO. *Amazônia: grandes reportagens*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, Nov./Dez. de 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas. 2007. Disponível em: O Globo Online. Acesso em: 14/4/2009

PELICANO, Sergio Augusto. Meio ambiente e Espiritismo. *Jornal Notícia da Manhã*. 04/07/2008. Disponível em: <http://www.noticiadamanha.com.br>. Acesso em: 30/1/2008.

SANTOS, Claudia. Ecologia e Espiritismo. *Folha Espírita*, 2007. Disponível em: www.amebrasil.org.br/html/ecoEspiritismo.html. Acesso em: 30/1/2009.

SANTOS, Paulo R.. *Espiritismo e Meio Ambiente*. Associação de divulgadores do Espiritismo de Pernambuco, 2003. Disponível em: www.ade-pe.com.br/real_para_art028_2003.html. Acesso em: 30/1/2009.

TRIGUEIRO, André. *Ecologia e Espiritismo*. 2007. Disponível em: Arquivo Confidencial: Ecologia e Espiritismo. Acesso em: 14/4/2009

XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. 18. ed. Ditado pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1997.

_____. *Os mensageiros*. 42. ed. Ditado pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 2006